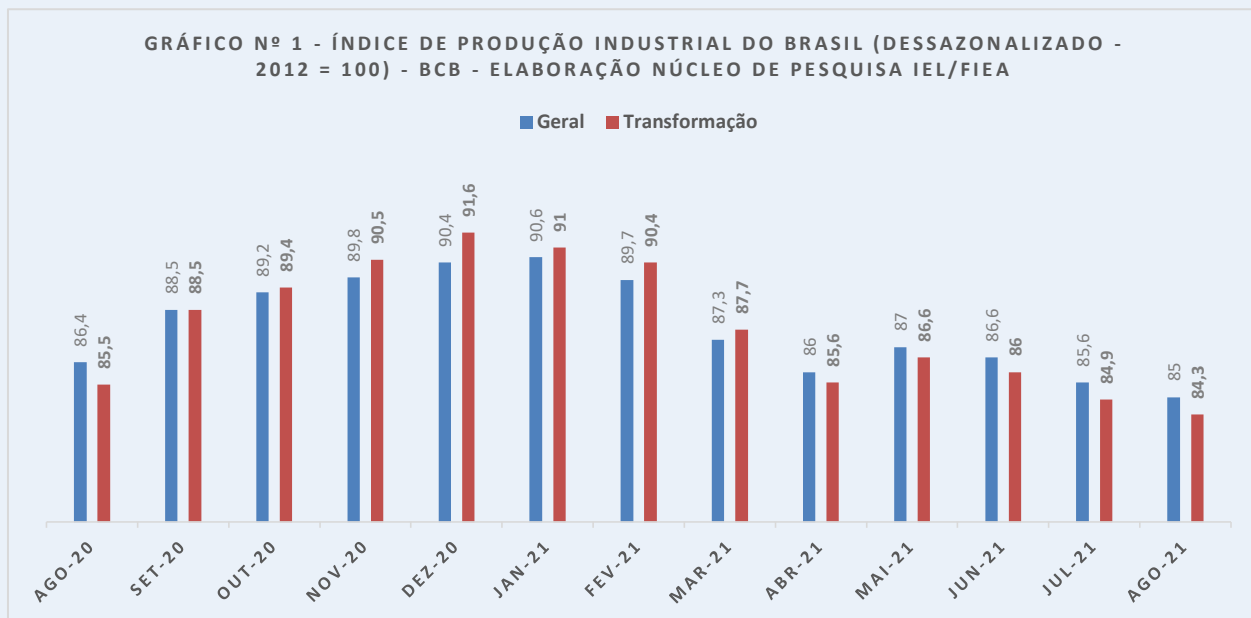


A INDÚSTRIA BRASILEIRA MANTÉM TRAJETÓRIA DE RETRAÇÃO

GRÁFICO Nº 1 - ÍNDICE DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL DO BRASIL (DESSAZONALIZADO - 2012 = 100) - BCB - ELABORAÇÃO NÚCLEO DE PESQUISA IEL/FIEA



Após pico em dezembro de 2020, o índice de produção (dessazonalizado) da indústria brasileira tanto a geral como de transformação engatou trajetória descendente só interrompida no mês de maio de 2021, como pode ser constatado nos dados do gráfico nº 1. Por categoria de uso final os dados na margem não são nada animadores, ou seja, em agosto apresentou queda de 0,8% na indústria de bens de capital, 0,6 em bens intermediários e 0,1% em bens de consumo. Estes dados refletem claro processo de perda de dinamismo da indústria brasileira em virtude de problemas tanto do lado da oferta e custos dos insumos (como componentes e energia elétrica) como do lado da demanda, ou seja, perda de poder de compra das famílias agravado por níveis elevados de desemprego e endividamento. É importante salientar com relação a este último aspecto que a política de juros altos em nada contribui para reverter esse quadro de estagnação econômica e muito menos para levar a taxa de inflação para o centro da meta de 3,5%a.a. em 2022. As projeções feitas pelo mercado financeiro para o PIB e absorção doméstica - consumo das famílias, gastos do governo e investimentos - para 2022 apresentam taxas cujas medianas anualizadas de crescimento encontram-se abaixo de 2%, ou seja, 1,5%, 1,86%, 0,85%, 1,85%; contra 5%, 4,86%, 0,75% e 16,3%, respectivamente, em 2021. E mesmo o setor externo (sobre o qual muitos

analistas depositam suas esperanças em um ciclo longo de alta das commodities com seus efeitos positivos sobre as economias exportadoras de produtos primários, como a brasileira), as expectativas do mercado são de crescimento das exportações do Brasil a taxa de 4% anti 8,25% em 2021. O fato da China está dando sinais claros de desaceleração é mais um complicador no cenário internacional. Queda ainda mais pronunciada é esperada para as importações, efeito câmbio depreciado e demanda por bens e serviços deprimidas, que passaria de 13% em 2021 para 3,3% no próximo ano. A melhora esperada na taxa de desemprego ao configura-se esse quadro de pouco dinamismo do lado da demanda é pequena, ou seja, de 13% para 12%. Do ponto de vista da oferta, as expectativas para 2022 também não são nada animadoras. O PIB agropecuário deverá crescer, segundo a mediana do mercado, 2% ficando abaixo dos 2,5% esperados para este ano. Na mesma métrica, o PIB da indústria deverá crescer 1,4% anti 5,35% estimado para 2021. O PIB de serviços, que responde por 70% do PIB do país, terá um desempenho próximo a do PIB da indústria com estimativa de crescimento de 1,5% contra 5% esperado para 2021. A CNI em seu informe Conjuntural do 3º trimestre de 2021, revisou O PIB industrial para baixo, de 6,9% para 6,1%. A principal causa é a retração da Indústria de Transformação no primeiro semestre, causada

pela persistência nos problemas de fornecimento de insumos. Ainda de acordo com a CNI, em agosto de 2021, o faturamento da indústria de transformação e as horas trabalhadas na produção mantiveram suas trajetórias de queda. A inflação tem corroído a renda dos trabalhadores e o rendimento médio real também apresenta tendência de queda em 2021. No tocante as expectativas dos empresários da indústria, as pesquisas tanto da CNI como da FGV vem captando certa acomodação a partir de agosto apesar de se manterem na zona de otimismo. Em outubro de 2021, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da CNI variou -0,2 ponto, de 58,0 pontos para 57,8 pontos. O resultado demonstra estabilidade com relação ao nível de confiança de setembro. Os avanços da vacinação da população, não obstante a sua relevância econômica e social, não tem sido suficiente para fazer frente à tendência de desaceleração da economia brasileira captadas pelas pesquisas do IBGE com taxas negativas para produção industrial e volume de vendas no varejo e fraco desempenho dos serviços no mês de agosto. A elevada capacidade ociosa ainda existente no Brasil, conforme estimativas médias de hiato produto negativo em torno de 4% feitas pela FGV, LCA e IFI/Senado, demonstram que sem o fortalecimento da demanda da economia as perspectivas de retomada continuarão sendo frustradas.

CHOQUES DE OFERTA MANTÉM PRESSÃO SOBRE A INFLAÇÃO

Com sucessivos choques de oferta - provocados pelos efeitos da seca nos preços dos alimentos e no custo de geração de energia elétrica, desvalorização cambial impactando nos preços dos produtos importados como derivados de petróleo, escassez de componentes eletrônicos em

virtude dos efeitos de desarticulação das cadeias globais de valor provocadas pela COVID19 (com reflexos não só na produção de duráveis como nos setores de logística e transportes), e, por fim, aumento nos preços das commodities em nível internacional -, levaram o IPCA a atingir o patamar de 10,25%

em setembro. Em virtude dessa verdadeira tempestade perfeita a desafiar a autoridade monetária, as expectativas de mercado para a inflação em 2021 e 2022 continuam a se distanciar do centro da meta, ou seja, de 3,75%aa para 8,75%aa e 3,5%aa para 4,18%aa.

O Banco Central tem reagido sinalizando com aumentos sucessivos de juros adentrando à zona de restrição com perspectivas para selic bem acima de 6,5%aa. De acordo com a mediana do mercado, a selic deve fechar 2021 no patamar de 8,25%aa e 2022 em 8,75%aa. Para estes dois períodos, respectivamente, as cotações dos Contratos Futuro do Depósitos Interfinanceiros (DI) estão projetando taxas de 8%aa e 10,4%aa. Os reflexos negativos da escalada de juros sobre o serviço da dívida interna e no tocante ao consumo de duráveis agravarão a perda de dinamismo da economia brasileira, principalmente ao não contribuírem para reverter o processo de desvalorização cambial e, consequentemente, a pressão inflacionária. A trajetória nos últimos doze meses da inflação de comercializáveis e monitorados atingiu em setembro o patamar de 12,49% e 15,73%, respectivamente,

ficando acima dos 10,25% do IPCA. Já a inflação de serviços (não comercializáveis), por sua vez, foi de 5,41% bem abaixo da inflação para aquele período demonstrando a pouca influência da demanda na sustentação do recente processo inflacionário brasileiro. Ou seja, começa a se configurar um quadro de estagflação (inflação combinada abaixo dinamismo econômico) que torna ainda mais desafiante a gestão monetária do BCB. Ao ignorar a atual ociosidade manifesta em hiato produto negativo de 4% na economia brasileira, o Banco Central não tem levado em consideração na definição da taxa básica de juros (selic) o objetivo secundário de minimizar no combate à inflação a taxa de sacrifício imposta pelo nível de desemprego, estabelecido pela lei complementar nº 179, de 24 de fevereiro de 2021, que define os objetivos do Banco Central do Brasil e dispõe sobre sua autonomia. Em artigo recente no

Valor Econômico, intitulado “O Banco Central errou?”, os economistas Ricardo Barboza e Bráulio Borges concluem que “o BC parece ter optado pelo combate intransigente a essa pressão inflacionária, apontando que a Selic deverá alcançar patamar significativamente contracionista nos próximos meses - a despeito da economia seguir operando bem aquém do pleno emprego. Trata-se de mais um indício de que o novo objetivo introduzido em fevereiro deste ano, de suavizar as flutuações econômicas e fomentar o pleno emprego, não é nem mesmo secundário. Caminhamos para uma década completa com a economia operando com relevante excesso de ociosidade, algo que, via efeitos de histerese econômica, poderá até mesmo neutralizar os potenciais impactos positivos de várias das reformas que foram introduzidas nos últimos anos”.

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM AGOSTO DE 2021

A indústria brasileira em agosto de 2021 registrou variação de -0,7% na produção, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2020 a produção industrial recuou 0,7, abaixo do resultado de julho quando cresceu 1,2% nesta métrica. Na avaliação do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “os obstáculos a uma conjuntura positiva para a indústria em 2021 são de diferentes naturezas. Do lado da oferta, há gargalos na obtenção de insumos e

pressão de custos; do lado da demanda, a inflação corrói o poder de compra da população em um quadro de elevado desemprego. Além disso, o ambiente de incerteza se mantém, renovando suas causas sob os riscos da crise hídrica e da tensão política”. Ainda segundo o IEDI, “a utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, caiu de fev/21 a mai/21, quando voltou a mostrar alguma reação. A tendência teve continuidade nos meses seguintes e

atingiu 79,7%, implicando uma queda frente a jul/21. Em set/21, porém, voltou a reagir e ficou em 80,2%. Cabe observar, porém, que o nível de utilização recente voltou a superar a média histórica anterior à Covid-19, que é de 79,5%. Apesar disso, fica um pouco abaixo do patamar imediatamente anterior à crise de 2014-2016, que era de 82,6% no 1º trim/14.”

Variações da Produção Industrial - Agosto 2021 - %

| | No mês (com ajuste sazonal) | Mesmo mês ano anterior | No ano | Doze meses |
|------------------------------------|-----------------------------|------------------------|--------|------------|
| Indústria Geral | -0,7 | -0,7 | 9,2 | 7,2 |
| Bens de capital | -0,8 | 29,9 | 41,3 | 29,8 |
| Bens intermediários | -0,6 | -2,1 | 7,4 | 6,6 |
| Bens de consumo | -0,1 | -4,3 | 6,6 | 4,1 |
| Bens de consumo duráveis | -3,4 | -17,3 | 19,9 | 12,2 |
| Semiduráveis e não duráveis | 0,7 | -0,8 | 3,7 | 2,2 |
| Extrativa Mineral | 1,3 | -1,6 | 1,0 | -1,4 |
| Transformação | -0,7 | -0,5 | 10,4 | 8,4 |

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Elaboração Própria

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

PRESIDENTE
José Carlos Lyra de Andrade

1º VICE PRESIDENTE
José da Silva Nogueira Filho

DIRETOR EXECUTIVO
Walter Luiz Jucá Sá

GERENTE UNITEC
Helvío Braga Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

DIRETOR REGIONAL
José Carlos Lyra de Andrade

SUPERINTENDENTE
Helvío Braga Vilas Boas

COORDENADORA DE INOVAÇÃO E PESQUISA
Eliana Maria de Oliveira Sá

ELABORAÇÃO
Núcleo de Inovação e Pesquisa IEL/AL

EQUIPÉTÉCNICA

Eliana Maria de Oliveira Sá

CONSULTORES
Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

ESTAGIÁRIOS
Bernardo Leão Andrade Cavalcanti

Luana Santos Leite

Marcus Vinicius de Oliveira C Barbosa

Morgana Maria Machado Moura

CONTATO: (82) 2121-3079